



## **METODOLOGIA COMO TEORIA E PRÁTICA DA PESQUISA ACADÊMICA: A DESCONSTRUÇÃO DA TESE DE ECLÉA BOSI A PARTIR DE UM MODELO METODOLÓGICO**

**Andreza Almeida dos Santos<sup>1</sup>**

**Guilherme Libardi<sup>2</sup>**

**Larissa Rosa<sup>3</sup>**

**Lourdes Silva<sup>4</sup>**

**Nadine Lopes de Almeida<sup>5</sup>**

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é desconstruir metodologicamente a tese “Leituras de operárias: estudo de um grupo de trabalhadoras de São Paulo” (BOSI, 1971) a partir de um modelo metodológico de Pesquisa em Comunicação (LOPES, 2001). Assim, este estudo se reporta a um trabalho da disciplina Metodologia da Pesquisa em Comunicação e foi produzido coletivamente por um grupo composto por cinco pessoas. Entre os resultados alcançados no processo de produção do trabalho, destacamos o esforço intelectual em “pensar metodologicamente” o

---

<sup>1</sup> Bacharela em Comunicação e mestra em Ciências Sociais pela UFRRJ, atualmente é doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Seus principais interesses de pesquisa giram em torno de: ficção televisiva, comunicação, etnografia virtual, epistemologia e metodologia. E-mail: andrezapas@usp.br

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação com habilitação em Publicidade e Propaganda pela ESPM-Sul, Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS e Doutorando no mesmo programa. Seu tema de pesquisa articula os temas vinculados aos Estudos Culturais, Estudos de Recepção, identidade e interseccionalidade. E-mail: gblibardi@gmail.com.

<sup>3</sup> Jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero e mestranda em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Seus principais interesses de estudo são voltados às construções discursivas e à condição feminina. E-mail: larissarosa.jor@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS, docente do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Unisa e do Curso de Comunicação. Entre seus temas de interesse destacam-se: os Estudos Culturais e os de Recepção, identidade, metodologia e ficção televisiva. E-mail: lourde\_silva@hotmail.com.

<sup>5</sup> Mestre e doutoranda no programa em Ciências da Comunicação pela ECA/USP e é docente no complexo FMU FIAM-FAAM. Entre seus temas de pesquisa encontram-se as questões referentes à liberdade de imprensa, ética, midiaticização, sob a ótica do dinamarquês Stig Hjarvard e jornalismo opinativo. E-mail: nadini.lopes@usp.br

processo de construção de uma pesquisa e, conseqüentemente, em produzir conhecimento de modo mais eficaz.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Metodologia. Pesquisa em Comunicação. Modelo Metodológico. Desconstrução Metodológica. Ecléa Bosí.*

**ABSTRACT:** The objective of this article is to deconstruct methodologically the thesis "Readings of factory workers: a study of a group of woman workers from São Paulo" (BOSI, 1971) from a methodological model of Communication Research (LOPES, 2001). Thus, this study refers to a work of the discipline Methodology of Research in Communication and was produced collectively by a group of five people. Among the results achieved in the process of work production, we highlight the intellectual effort to "think methodologically" the process of building a research and, consequently, to produce knowledge more effectively.

**KEYWORDS:** *Methodology. Communication Research. Methodological Model. Methodological Deconstruction. Ecléa Bosí.*

## 1. Introdução

O presente trabalho é fruto de um exercício coletivo de desconstrução metodológica da tese "Leituras de operárias: estudo de um grupo de trabalhadoras de São Paulo" (BOSI, 1971), que, em termos gerais, buscou conhecer os hábitos de leitura de mulheres trabalhadoras de uma fábrica da periferia da zona oeste de São Paulo. Desta feita, seguindo uma noção ampla e não-tecnicista de método apresentada no modelo metodológico formulado por Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2001), fizemos a opção de – pelo desmembramento da pesquisa em fases – buscar compreender como a autora constrói sua tese a partir de uma série de escolhas, seleções e eliminações que incidem sobre todas as operações metodológicas no interior de sua investigação: desde a definição do problema de pesquisa, passando pela formulação de hipóteses, teorização de conceitos até a construção e interpretação dos dados.

Antes de iniciarmos nossa análise propriamente dita, contudo, importante é destacarmos alguns pontos que, de alguma forma, atravessaram e influenciaram a construção de nossa(s) leitura(s) sobre a tese. A começar pelas questões que envolvem a relação autor/obra, cabe ressaltar que – situada no início da década de 1970<sup>6</sup> – a tese é

---

<sup>6</sup>Para fins de contextualização da obra, cabe ressaltar que a Ditadura civil militar no Brasil foi o regime instaurado que compreende o período que vai de abril de 1964 e que durou até março de 1985.

fruto de uma pesquisa em Psicologia Social e traz à baila, a partir de uma abordagem interdisciplinar, um tema caro aos estudos sociológicos: as dinâmicas e conflitos entre cultura de massa, cultura popular e indústria cultural. Assim, valendo-se do uso de um denso quadro teórico de referência, que abarca autores como Theodor Adorno, Antônio Gramsci, Hannah Arendt, Umberto Eco e Whright Mills, Ecléa Bosi (1971) demarca sua posição de fala em Psicologia Social convergindo a necessidade latente em discutir os temas mais amplos citados a partir de seu interesse em conhecer as leituras de operárias e as maneiras pelas quais são atingidas pela comunicação escrita.

Sabemos que a Ciência, enquanto discurso e prática social, está submetida a condições sócio-históricas de produção (LOPES, 2018). Destarte, atentos ao fato de que as opções metodológicas implicam sempre questões de ordem interna e externa, que atravessam não somente questões epistemológicas, teóricas e técnicas, como o contexto institucional e social da pesquisa (LOPES, 2001), consideramos importante não perdermos de vista esta perspectiva histórico-social da tese que, apesar de não melhor desenvolvida ao longo da análise em função de nosso próprio desconhecimento em relação à época<sup>7</sup>, ao menos nos permitiu buscar situar o trabalho a partir de seu contexto de produção. Afinal, errôneo seria se efetuássemos uma desconstrução metodológica que ignorasse a diferença entre seu momento de produção e o atual momento de análise.

Escrito, portanto, no período Ditadura Civil Militar, o trabalho de Bosi sugere implicitamente sinalizar para o desenvolvimento do método materialismo dialético (este último, em sua relação dialética com as dimensões psicológica e social). Ainda que sem citar os filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels – porém tendo o italiano Antônio Gramsci como suporte teórico para pensar a cultura operária – a autora introduz e problematiza temas e questões em voga no exterior à luz de um contexto nacional fortemente marcado pela censura e por um cenário ainda muito embrionário no tocante aos programas de pós-graduação.

---

<sup>7</sup> Em função disso, algumas lacunas ainda perpassam nosso trabalho, como o paradigma dominante na Psicologia na época, os métodos e técnicas mais utilizados ou até mesmo a importância do tema de pesquisa para a área naquele contexto: seria a pesquisa com operários comum no curso de Psicologia na década de 1970? Aqui é válido termos em mente que, no âmbito da pós-graduação, a Psicologia da USP talvez seja a primeira e que, à época, o curso estava começando. Nesse sentido, podemos dizer que, em termos de pós-graduação, a pesquisa com operários não pode ser um tema recorrente.

Outro ponto que gostaríamos de destacar diz respeito aos diferentes olhares lançados para a realização deste exercício metodológico. Como dissemos anteriormente, feito por um grupo de cinco pessoas, a desconstrução da tese passou também por um processo que abarcou um olhar múltiplo, ambíguo e, por vezes, contraditório em relação à interpretação dos dados. Ainda assim, buscando amenizar esses vieses por meio de encontros e discussões em grupo, ressaltamos o caráter aberto e em construção de nossas próprias leituras que, muitas vezes, refletem dúvidas e questões, ao invés de respostas prontas e fechadas.

Por fim, em termos de operacionalização da análise, optamos que cada integrante do grupo escolhesse uma fase a ser desconstruída, sendo que, para a fase da observação, o trabalho coube a dois integrantes. Findas as análises individuais, uma leitura coletiva foi feita, algumas questões foram levantadas e outras concluídas. Para as linhas que se seguem apresentamos a desconstrução da tese de Bosi (1971) feita em fases metodológicas.

## **2. Definição do objeto**

109

De acordo com o modelo metodológico proposto por Lopes (2001) na obra “Pesquisa em Comunicação”, a definição do objeto constitui a primeira fase de um trabalho científico. Essa etapa se concretiza por meio de procedimentos de níveis teórico e epistemológico que são realizados em torno do fenômeno que se pretende investigar. Dessa forma, é ela a responsável por delinear a pesquisa a ser realizada. As operações metodológicas envolvidas na definição do objeto são: o problema de pesquisa; o quadro teórico de referência e a elaboração de hipóteses (LOPES, 2001, p. 137).

Na introdução da tese selecionada para este trabalho, Ecléa Bosi expõe o tema escolhido para investigação. Trata-se de um estudo sobre os hábitos de leitura de um grupo de trabalhadoras de São Paulo. A escolha da leitura como veículo de comunicação é apontada pela autora como intencional: “o jornal, a revista e o livro exigem do consumidor uma certa opção inicial que aparece mais nítida do que na recepção em fluxo dos programas de TV e de rádio” (BOSI, 1971, s/p). É a cadeia de escolhas envolvida no consumo da mídia impressa, portanto, que interessa à pesquisadora – justificativa que é trazida com bastante clareza em diversas partes do trabalho.

O problema de pesquisa situa-se no amplo conjunto do tema da investigação, mas, ao passo que o assunto é selecionado, o problema é constituído pela pesquisadora. No caso da tese de Bosi, entendemos que a construção de seu problema se dá em torno de uma questão empírica central: como as operárias se relacionam com a mídia impressa. Este problema está vinculado a uma perspectiva que busca discutir o posicionamento funcionalista que impregna as teorias sobre a relação público e meios de comunicação à época. E é essa questão, por sua vez, que é responsável por apontar o objetivo do trabalho. Adiante, no capítulo III, Bosi desenvolve esse objetivo em forma de perguntas mais específicas que guiarão seu estudo e, por conseguinte, a realização das entrevistas: quais são as leituras habituais em uma pequena comunidade operária; qual é o motivo do maior ou menor grau de capacidade de leitura; para qual formato de comunicação escrita o grupo se dirige em seus momentos de lazer e quais interesses imediatos suas últimas leituras satisfazem (BOSI, 1971, p.81).

O objeto de estudo de Bosi é de extrema relevância social, principalmente se considerarmos o tempo em que foi construído. Entre tantos grupos que a autora poderia selecionar para investigar os hábitos de leitura, ela optou por dois recortes bastante significativos: o de classe, ao eleger operárias, e o de gênero, ao eleger especificamente de mulheres operárias. Nesse sentido, podemos recorrer a Lopes (2001, p. 138), amparada por Gaston Bachelard, para enfatizar a importância da vigilância epistemológica na pesquisa científica, que precisa acompanhar todo o trabalho, mas que normalmente tem particular presença na fase de definição do objeto – mais especificamente, durante a constituição do problema de pesquisa, quando é preciso estar mais atenta para fundamentar as escolhas realizadas. Ainda que esses recortes por si só sugiram um alto nível de amadurecimento epistemológico e qualidade do trabalho, durante a leitura sentimos falta de passagens em que Bosi pudesse discorrer sobre elas, de forma a expô-las conscientemente, justificando-as e convidando quem lê a tese à reflexão sobre temas tão pertinentes. Por isso, ao mesmo tempo em que entendemos o compromisso social implicado na pesquisa de Bosi, acreditamos que a explicitação desse compromisso seria enriquecedor ao trabalho.

A segunda operação metodológica desta fase, o quadro teórico de referência, é bem trabalhada na tese em questão. Nos dois capítulos iniciais, “Comunicação de massa:

o dado e o problema” e “Cultura de massa, cultura popular, cultura operária”, a autora faz um amplo resgate teórico sobre as diferentes abordagens comunicacionais pelas quais o seu problema de pesquisa pode transitar.

Além da explanação teórica do objeto feita a partir de determinado paradigma científico, faz-se também necessário situar o problema em relação às pesquisas existentes, mesmo de orientações teóricas diferentes. Trata-se de descrever o que se chama de “estado de conhecimento” do problema, o que pressupõe a realização de uma pesquisa bibliográfica específica (LOPES, 2001, p. 139, grifos originais).

Nos dois primeiros capítulos, a autora se dedica a contextualizar o que Lopes (2001) chama, no excerto acima, de “estado do conhecimento”. Bosi faz um apanhado sobre as teorias clássicas e vigentes no momento de produção da pesquisa sobre o fenômeno da comunicação de massa. Para isso, recorre inicialmente ao quadro do linguista russo Roman Jakobson que sugere seis tipos de problemas a serem enfrentados pelo(a) pesquisador(a) que se propõe a sair do plano da constatação estatística no estudo dos meios de comunicação de massa. São essas questões referentes a: a) emissor da mensagem; b) destinatário da mensagem; c) mensagem em si; d) canal da mensagem; e) código da mensagem; f) contexto em que se verificam os fatores anteriores. A partir desse quadro, Bosi busca compreender os componentes do processo de comunicação, detectar com maior clareza fatores pertinentes à comunicação de massa e, por fim, apontar o diálogo entre Comunicação e Psicologia Social – relação fundamental de ser apontada e defendida no trabalho, uma vez que a autora está desenvolvendo uma tese de forte aspecto comunicacional dentro da Psicologia.

Nas duas últimas décadas, começa-se a sentir que não basta o estudo analítico dos fatores para esgotar o sentido global do fenômeno “comunicação de massa”. Começa-se a perceber que, enquanto manifestação peculiar às sociedades modernas, ele deve ser estudado como um todo, isto é, deve ser analisado em si. Assim o exigem caracteres próprios que o fenômeno “comunicação de massa” foi assumindo na civilização industrial do pós-guerra (BOSI, 1971, p. 11).

Diante da complexidade do fenômeno e de sua emergência na época em que a tese em questão estava sendo desenvolvida, a autora aponta a necessária atenção dada a ele por teóricos como Merton, Lazarsfeld, Adorno, Benjamin, McLuhan e Umberto Eco –

cujas contribuições estão presentes ao longo do trabalho e compõem a base de seu quadro teórico de referência. Ao descrever a potencial perspectiva funcionalista sobre seu problema – o consumo de material impresso por mulheres operárias –, Bosi questiona a validade desse tipo de abordagem em um contexto histórico em que ela é amplamente aceita e utilizada nos estudos sobre meios de comunicação de massa.

Em relação à terceira operação metodológica envolvida na definição do objeto, a elaboração de hipóteses, houve dificuldade em identificar com clareza os pressupostos da tese. De acordo com o modelo metodológico de Lopes (2001), as hipóteses de um trabalho científico são fundamentais no sentido de conduzir à elaboração de uma estratégia de investigação e fornecer um desenho da pesquisa. Para isso, elas normalmente aparecem no início do trabalho e são retomadas ao final com a intenção de fornecer ao leitor um balanço sobre a sua comprovação parcial ou integral ou, em alguns casos, a sua negação.

Ainda que seja possível especular algumas hipóteses formuladas por Bosi pela condução de sua investigação, é apenas a partir da página 68 da tese que isso aparece de forma explícita:

A hipótese, no caso, é de que o teor e os processos de composição da literatura de massa estariam subordinados a necessidades de evasão e de consolação (...). Nas horas de lazer, cada um se distrai como pode já que não lhe é dado fazer o que quer. O que lê uma jovem industriária à noite ou nos fins de semana? Caso se encontrasse nas suas leituras um corpus temático peculiar à sua situação objetiva de classe, ter-se-iam condições para afirmar a existência de uma literatura aderente aos problemas do meio operário. Em caso negativo, ter-se-á a confirmação de que a operária é mais um tipo de consumidor de produtos culturais fabricados em série em função de certos efeitos. *Se no trabalho e no lazer corre o mesmo sangue social, é de esperar que a alienação de um gere a evasão e processos compensatórios em outro* (BOSI, 1971, p. 68, grifos nossos).

Ao falar sobre efeitos de compensação de trabalhadoras cujas funções nas fábricas são despersonalizadas – não permitem nenhuma expressão de si mesmas –, no entanto, Bosi recorre às considerações sobre o tema de autores como Georges Friedmann, Ernest van den Haag e Alain Touraine para fazer uma importante ressalva. Nessa perspectiva que encara a passividade como a transcrição psicológica da submissão ou da dependência econômica e social, “qualquer sondagem sobre leitura em meios operários se arriscará a ficar na mera constatação de que a indústria cultural provê o único alimento dos sujeitos

considerados” (BOSI, 1971, p. 78). A autora faz, então, um movimento epistemológico que consideramos um dos mais importantes de seu trabalho: vai além da pergunta “o que lê uma operária?” e indaga as possibilidades realizáveis nas entrevistas a partir de um questionamento outro, “o que gostaria de ler uma operária?”

### 3. Observação

O nível técnico da pesquisa diz respeito ao processo de construção do objeto empírico, ou seja, daquilo que será analisado no estudo. O desafio é assimilar algo observável no mundo social e transformá-lo em dado. Na pesquisa de Bosi, a construção do objeto empírico se dá por meio da historização de conceitos e perspectivas teóricas sobre cultura (cultura de massa, cultura popular) e comunicação (indústria cultural); por premissas (a leitura de impressos é mais intencional do que o consumo televisivo, radiofônico ou cinematográfico); e pela crítica dos preceitos funcionalistas que reduzem os processos de recepção a relações de causa e efeito, sempre à procura dos “efeitos narcotizantes” dos meios de comunicação de massa. Esta é a problemática enfrentada por Bosi operária e é a partir deste repositório de questões que a autora constrói o seu objeto empírico: o consumo de material impresso por um grupo de mulheres da classe operária de São Paulo.

Em termos de operação metodológica, sabemos que a fase da observação é composta pela amostragem e pelas técnicas de pesquisa que, juntas, visam “coletar e reunir evidências concretas capazes de reproduzir os fenômenos em estudo no que eles têm de essencial” (LOPES, 2001, p.142). No tocante às técnicas de amostragem, a delimitação do universo de investigação se deu a partir do estudo de um grupo formado por 52 operárias<sup>8</sup> de uma fábrica da Zona Oeste de São Paulo, com faixa etária entre 19 e 35 anos, e composto majoritariamente por jovens entre 21 e 23 anos.

Divididas nas seções de enlatamento, acondicionamento de óleo e margarina e saboagem, a maioria dessas mulheres possuía curso primário completo, sendo que duas estavam tentando cursar o ginásio. Em relação ao salário, todas se encaixam na categoria

---

<sup>8</sup>Delas, 31 provinham de zona rural e 21 de zona urbana.

de horistas e possuem a mesma faixa salarial. O trabalho é realizado de segunda a sábado, oito horas por dia, com salário de 1,20 cruzeiros por hora. Desta feita, delimitada em função de classe (operária) e gênero (mulheres), a escolha da amostra reflete o interesse da autora em pesquisar o hábito de leitura em uma pequena comunidade.

Ainda em relação ao recorte dado ao objeto, consideramos que haja na pesquisa uma delimitação explícita e outra implícita. A explícita diz respeito ao contexto de classe, marcador que a autora explicita em seu recorte. Já no que se refere à delimitação implícita, destacamos a ausência de tratamento dada à questão de gênero, que perpassa ao longo do texto quase de maneira quase que “naturalizada”, sem a necessidade de discussão teórica. É válido termos em mente que na década de 1970 as discussões teóricas sobre gênero ainda eram incipientes no Brasil<sup>9</sup>.

Uma vez que a pesquisa não tinha a intenção de atingir o limiar da representatividade, mas, antes, de revelar o relacionamento constante de todo um grupo operário feminino com a “comunicação de massa” escrita, o tratamento dado ao tema foi qualitativo, sendo o uso de tabelas quantitativas encarado pela autora como um expediente didático, sem nenhum comprometimento de ordem estatística. Tal construção foi realizada a partir de operações indutivas, uma vez que o fato observável de que algumas mulheres consomem impressos foram transformados em dados observáveis através da técnica de métodos quantitativos e qualitativos.

Os dados quantitativos foram coletados a partir de um questionário. Ele forneceu um panorama mais amplo das práticas de consumo de impressos das operárias. Para a etapa qualitativa, foi elaborado um roteiro estruturado em que se buscava uma explicação mais descritiva e subjetiva acerca das preferências por gêneros, motivações para leitura ou não-leitura, memórias, etc. Deste modo, dados qualitativos e quantitativos foram incorporados dialeticamente no decorrer das análises, ou seja, complementando-se mutuamente.

---

<sup>9</sup> Os debates acerca da categoria "gênero" no campo das ciências humanas e sociais só foram disseminados no Brasil no início dos anos 1990, após o seu amadurecimento no território europeu e estadunidense, junto ao desenvolvimento de uma corrente pós-estruturalista (RAGO, 1998).

Já no que se refere à segunda operação metodológica, ou seja, a técnica de coleta de dados, Bosi (1971) fez opção pela aplicação de entrevista, em função da flexibilidade da técnica. Segundo destaca a autora, além de permitirem um contato mais próximo com o sujeito e de possibilitarem perceber uma atitude mais geral ante uma pergunta, entrevistas são uma opção para pessoas que têm dificuldade em escrever longamente. Destarte, argumentando que sua aplicação cria uma atmosfera de confiança que tranquiliza o sujeito desde o início, afasta temores e esclarece os propósitos da pesquisa, a pesquisadora justifica a escolha da técnica em função de suas potencialidades para o tema proposto.

No caso da pesquisa em si, Bosi (1971) destacou que a realização de entrevistas estimulou as operárias a falar livremente e a evocar suas lembranças de leitura. Além disso, aponta ela, o uso da técnica permitiu, por outro lado, que a entrevistadora esclarecesse suas dúvidas e perguntasse sobre pontos obscuros. Deste modo, integrando a estratégia da investigação, a opção pela entrevista seguiu um roteiro adaptado para cada tipo de comunicação escrita (revistas, jornais e livros), onde foram feitas perguntas abertas e fechadas. É a partir do material coletado nas entrevistas que a pesquisadora constrói empiricamente seu objeto de estudo. Além disso, o uso da técnica conferiu um significado epistemológico ao tratamento do objeto, de modo que sua utilização foi feita de maneira crítica e com vigilância epistemológica, ainda que sem referencial teórico-metodológico. Sob esse prisma, pode-se dizer que a etapa da observação foi realizada por meio de observação direta (onde a posição da investigadora pôde ser manipulada estrategicamente, com o propósito de proporcionar-lhe perspectivas mais favoráveis de obtenção de dados) e indireta (por meio da aplicação da entrevista). Nesse percurso, houve a produção de dados primários, apresentados em forma de tabelas e depoimentos pessoais que, juntos, procuraram apresentar os hábitos da leitora, a proveniência e natureza do material impresso, suas preferências, os motivos que a afastam da leitura e as possibilidades que o cotidiano lhes oferecia. Já os dados secundários dizem respeito ao próprio levantamento bibliográfico feito pela autora e demonstraram o roteiro intelectual percorrido pela autora.

No que diz respeito à integração entre dados primários e secundários, é válido ressaltarmos que o fenômeno social estudado adquire estatuto de dado quando as

informações coletadas são articuladas a um quadro teórico estabelecido. Este esforço é realizado pela autora quando ela retoma as bases do pensamento funcionalista e as principais discussões que orbitam a noção de indústria cultural. Alheia aos pressupostos operacionais funcionalistas, a autora encontra-se claramente vinculada a uma teoria marxista, uma vez que está constantemente preocupada em delimitar o seu objeto empírico e explicá-lo em uma operação dialética, considerando: a) processos históricos que permeiam o fenômeno; b) a distinção entre o fenômeno observado pelo senso comum e a estrutura invisível que o estimula; c) intensa vigilância para colocar em conflito e reformular noções importantes ao estudo, como o de “cultura popular”.

A partir do contexto apresentado, é possível afirmar que Bosi (1971) esteve atenta à complexidade de questões que envolvem a construção do seu objeto empírico: desde a formulação do quadro teórico, à construção dos instrumentos de pesquisa. Ciente do fato de que a realidade de leitura(s) de operárias não se dá por meio de uma apreensão imediata, a pesquisadora soube articular entrevistas individuais e a interpretação dos dados à luz de um arcabouço teórico fundamental para a construção da pesquisa. Neste aspecto, ressaltamos que a necessidade de se ver com método foi o diferencial para a construção da pesquisa, que conseguiu situar o “lazer impresso” das entrevistadas no círculo maior da indústria cultural.

De uma maneira geral, destacamos que a observação foi o momento em que a ruptura epistemológica foi realizada na prática e que a autora conseguiu obter os dados do grupo, de modo a complementar os sentidos por meios técnicos. Também ressaltamos que a fase constituiu o processo pelo qual as instâncias empíricas – relevantes para descrição e interpretação – foram obtidas, selecionadas e coligidas.

Por outro lado, contudo, sentimos a falta de uma teoria que justificasse o emprego das técnicas de pesquisa explicitadas, assim como permitisse uma crítica metodológica sobre potencialidades e limitações de seu uso. Afinal, em todas as ciências, a crítica dos pressupostos teóricos do instrumento de observação é indispensável (THIOLLENT, 1980). Desta feita, compartilhando com Thiollent (1980) o argumento de que em uma entrevista não basta ser polido ou ter bom senso com os entrevistados, consideramos uma

perda o fato de que aspectos políticos e até culturais das situações de investigação não tenham sido levados em consideração nas situações de investigação.

#### 4. Descrição

A descrição é a fase que faz articulação com as fases da observação dos dados e a interpretativa, tem relação com as operações técnicas e as operações de análise. Descrever, nesse contexto, é demonstrar, é perceber na escrita a materialização do esforço intelectual e do esforço de refletir cientificamente. Lopes (2001, p. 149) considera, inclusive, que “(...) a descrição constitui a primeira etapa da análise dos dados da pesquisa”. A fase da descrição também é de extrema importância para o modelo metodológico proposto por Lopes (2001).

Flick(2009) resgata o pensamento de Garz e Kraimer para enfatizar que

(...) A realidade somente se apresenta ao cientista de forma substanciada, como texto ou, em termos técnicos, como protocolo. Fora dos textos, a ciência perde seus direitos, pois apenas se pode formular o enunciado científico quando e na medida em que os eventos tiverem encontrado um depósito ou deixado um rastro, a estes tenham sido submetidos uma interpretação (FLICK, 2009, p.273).

117

Ao considerar tais questões, Flick explica que a construção de uma nova realidade no texto tem início por ocasião da descrição. Tais aspectos possibilitam pensar que a construção dessa nova realidade é a única (versão da) realidade disponível ao pesquisador ao operacionalizar sua interpretação. Cabe destacar ainda que toda e qualquer descrição de realidades sociais está sujeita a estruturações e limitações, conforme veremos a seguir.

A classificação da pesquisa de Bosi (1971) é do tipo exploratória, àquela considerada uma pesquisa preliminar, que se caracteriza pela escassez de dados disponíveis. Assim, a análise descritiva operacionalizada na tese nos possibilita observar um conjunto de questionamentos, tais como: de que modo Ecléa Bosi conduziu o leitor com sua descrição? Quais foram os critérios de classificação? Quais foram os temas comuns? Quais foram as categorias utilizadas? De que modo a descrição fez jus às esferas de vida das operárias e as perspectivas subjetivas encontradas no campo de pesquisa?

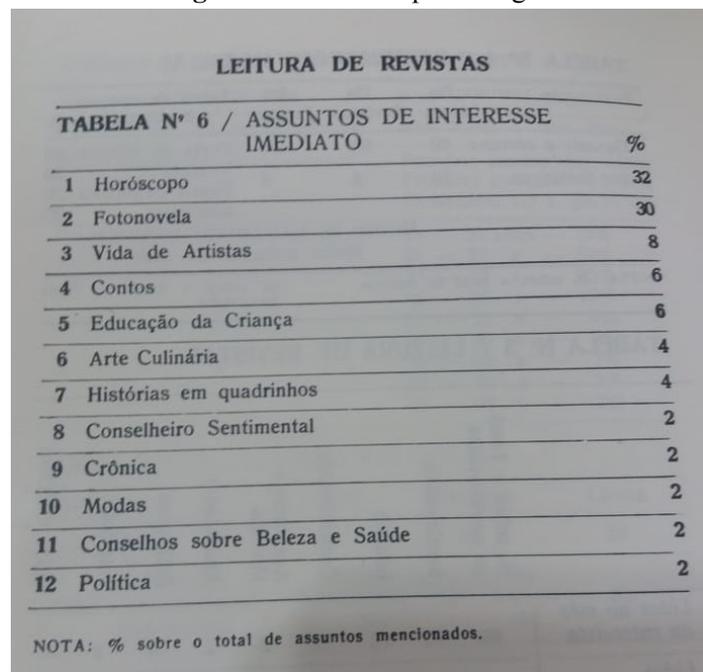
Quais foram as operações técnicas e analíticas utilizadas pela autora? Houve ruptura na descrição?

O método descritivo ou, o método “técnico” adotado por Bosi (1971) foi o estudo de caso, que segundo Becker (1997), busca adquirir o conhecimento de um fenômeno a partir da exploração de um único caso. Além disso, tendo como intenção compreender o grupo de operárias estudado – seus membros, atividades e interações – tendo como fio condutor sua relação com a leitura, acreditamos que, mesmo sem explicitar, Bosi tenha recorrido também à observação participante que, ainda segundo o sociólogo, é um método geralmente utilizado pelo pesquisador que faz um estudo de caso, uma vez que “dá acesso a uma ampla gama de dados, inclusive os tipos de dados cuja existência o investigador pode não ter previsto no momento em que começou a estudar [...]” (BECKER, 1997, p.118).

Nos procedimentos técnicos e nas operações de coleta, Bosi quantificou (por meio de estatística), codificou (em categorias e subcategorias) e descreveu o fenômeno.

Ao realizar o tratamento estatístico, o fez objetivando encontrar concentrações, frequências e tendências nos dados coletados, conforme podemos observar nas Figuras que seguem.

**Figura 1:** Tabela de percentagem



LEITURA DE REVISTAS	
TABELA Nº 6 / ASSUNTOS DE INTERESSE IMEDIATO	
	%
1 Horóscopo	32
2 Fotonovela	30
3 Vida de Artistas	8
4 Contos	6
5 Educação da Criança	6
6 Arte Culinária	4
7 Histórias em quadrinhos	4
8 Conselheiro Sentimental	2
9 Crônica	2
10 Modas	2
11 Conselhos sobre Beleza e Saúde	2
12 Política	2

NOTA: % sobre o total de assuntos mencionados.

**Fonte:** Bosi, 1971, p.104.

**Tabela 1:** Categorias e subcategorias de análise

<b>Tabelas</b>	<b>Categorias/Subcategorias</b>
Tabela 1	Dados sobre o grupo
Tabela 2	LEITURA EM GERAL
Tabela 3	Motivo da não leitura
Tabela 4	Informações diversas (período da leitura)
Tabela 5	LEITURA DE REVISTAS
Tabela 6	Assuntos de interesse imediato
Tabela 7	Assuntos preferidos
Tabela 8	LEITURA DE JORNAIS
Tabela 9	Assuntos de interesse imediato
Tabela 10	Assuntos preferidos
Tabela 11	LEITURA DE LIVROS
Tabela 12	Livros escolhidos no tópico conhecimento

Fonte: Os autores

Nesta desconstrução metodológica da tese, conforme já exposto, optamos por partir das Fases em sua relação aos Níveis. Desse modo, a operação que realizamos a seguir parte da Fase Descritiva para os diversos Níveis.

### **Nível Epistemológico**

No nível epistemológico destacamos a capacidade de problematização e interrogação epistemológica sistemática demonstradas por Bosi. A autora propõe questões relevantes tanto em termos de pressupostos como de referencial teórico que permitem a construção de hipóteses em relação ao Nível Teórico e Técnico. Trata-se tanto de ruptura consigo própria (exercitando a reflexividade ao expor suas próprias atitudes, impressões e explicitar seus próprios procedimentos), como ruptura epistemológica com a ciência (uma vez que busca problematizar e romper com os demais saberes), conforme podemos observar nos questionamentos e problematizações que seguem.

- Há aproximação e quase identificação entre os meios de comunicação e os de cultura?
- Os meios de comunicação de massa estão servindo satisfatoriamente à cultura popular?
- Existe uma cultura popular, ou seja, uma realidade estruturada a partir das relações internas, no coração da sociedade nas sociedades industriais? Se existe, quais as relações que apresenta com a indústria cultural?
- A cultura de massa vai absolver a cultura popular?
- Qual o papel do intelectual nesse contexto?

### Nível Teórico

A pesquisa de Bosi faz uso de distintos tipos de literatura. Destaca-se, fundamentalmente, a literatura teórica e a literatura técnica/empírica, o mesmo não ocorre com a literatura metodológica.

**Tabela 2:** Quadro teórico de referência

Autor	Teoria/Conceito
Theodor Adorno	Teoria Crítica da produção de consumo e de bens culturais
Umberto Eco	Teses sobre cultura e “estruturas de consolação”
Antônio Gramsci	Cultura operária e literatura
Geoges Friedman Edgar Morin Hannah Arendt Alain Touraine	Argumentos de autoridade
Robert Merton Charles Wright	Escola Funcionalista
Marschal Mc Luhan Edmar Carpenter	Canal e código
Paul Lazarsfeld David Riesman Whight Mills	Sociedade plural

As principais referências teóricas de Bosi (1971) são autores do Materialismo Histórico Dialético, Theodor Adorno e Antônio Gramsci. Karl Marx não chega a integrar as referências da tese da autora. A revisão da literatura é feita com elevado rigor e de

modo bastante aprofundado. Bosi vai na contramão da comunicação de caráter funcionalista que põe ênfase nos “efeitos dos *mass media*” sobre os indivíduos, bem como as funções e disfunções desses meios na sociedade. É nítida a crítica feita a sociologia americana que dá ênfase aos “efeitos” dos meios de comunicação na teoria da informação de Shannon e Weaver.

No entanto, discute o contexto social de comunicação de massa, problematizando a dimensão política e ideológica timidamente, não chega a explorar, por exemplo, o conceito de ideologia. Conceito este tão caro para os autores com os quais a autora trabalha, em especial, Adorno e Gramsci (que consideram as formas de dominação). O mesmo ocorre com a temática do feminino, uma vez que elege mulheres operárias como sujeito de sua pesquisa.

### **Nível Metódico**

A capacidade de reflexividade da autora também se evidencia no nível metódico, conforme podemos observar:

- “Existe uma cultura especificamente operária? Fosse qual fosse o resultado da pesquisa e a natureza dos dados (...)”.

É provável que a maior lacuna da tese de Bosi se encontre no nível metódico. A ausência de descrição da literatura metódica e metodológica evidencia que o método não foi suficientemente explicitado e que as técnicas de pesquisas foram parcialmente descritas e não teorizadas. Tais aspectos comprometem o entendimento do leitor. Questiona-se, por exemplo, quais foram as limitações da técnica da entrevista? Qual foi a contribuição da tese para a discussão metodológica geral? Qual foi a orientação usada para a observação empírica?

De acordo com Adorno (2008) há dois modos de compreender o método em Sociologia, uma é a tradição europeia que aproxima método de epistemologia, a outra, é a tradição empírica norte-americana, que concebe o método como técnica e procedimentos formais adotados em pesquisas empíricas. Em alguma medida, a pesquisa de Bosi (1971) distanciou-se da primeira concepção defendida por Adorno ao não descrever teórico-metodologicamente os métodos e as técnicas.

## Nível Técnico

Diferente do nível metódico, o nível técnico é marcado pela descrição em diversos aspectos. Descreve a justificativa do corpus: “Por que comunicação ‘escrita’? Porque jornal, revista e livros formam um setor privilegiado de estudo no quadro geral das comunicações de massa (...)” (p. 95). Justifica a opção pela técnica de pesquisa: “Escolhemos a técnica da entrevista pela sua flexibilidade, pelo contato mais próximo com o sujeito (...)” (p.27). Descreve o perfil das operárias considerando o nível de escolaridade, faixa etária, a proveniência (se rural ou urbana). Descreve ainda os percalços enfrentados no processo de produção da pesquisa:

“Não é fácil penetrar numa fábrica: a pesquisa, as longas entrevistas roubam tempo de produção. Sem falar na desconfiança que o elemento estranho ao recinto de trabalho pode despertar.” (p. 100)

“Vencidas as barreiras depois de muitas tentativas, alcançamos entrevistar as operárias que trabalham em novembro de 1970 nas seções de enlatamento, acondicionamento de óleo e margarina e sabotagem de uma fábrica da Zona Oeste de São Paulo”. (p. 101)

“O lugar de encontro era uma sala consideravelmente distante do local de produção, onde cada operária era recebida e entrevistada” (p. 101)

“Para elucidar o problema da leitura operária faz-se necessária uma série de pesquisas e de estudos teóricos. Dispersos nos arquivos de sindicatos de todo o Brasil, nas bibliotecas, os números de velhos jornais feitos por trabalhadores atestam a existência passada de uma imprensa operária (...)”. (p. 167)

No tocante aos procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados, é possível verificar que Bosi (1971) realiza tratamento estatístico, estabelece comparações, observa frequência.

**Tabela 3:** Quadro de operações técnicas

<b>Operações Técnicas</b>	<b>Fragmento textual</b>
Realiza tratamento estatístico	“As entrevistas foram comentadas a partir de tendências que as frequências apontavam; mas, sendo exploratório o estudo, o tratamento dado ao material foi qualitativo, servindo as tabelas de percentagens do III capítulo apenas expediente

	didático, sem nenhum comprometimento de ordem estatística” (BOSI, p. 27).
Estabelece comparações	“Apesar das diferenças entre a Tabela de n. 6 e a Tabela de n.7, verificamos que, no nível das percentagens altas, encontramos os mesmos assuntos, horoscopo e fotonovelas, apresentando, contudo, a Tabela n. 7 um quadro bem mais flexível e variado de preferências”. (BOSI, p. 127)
Observa frequência	“Os temas mais frequentes nas cartas são: 1) Adolescentes desajeitadas e solitárias que pedem estímulo; 2) Jovens que se dizem escravizadas por uma família tirânica (...)” (BOSI, p. 133).

A próxima fase a ser abordada é a interpretativa, trata-se da fase “(...) que envolve a teorização dos dados empíricos dentro da perspectiva teórica adotada no início da pesquisa (...)” (LOPES, 2001, p.151).

## 5. Interpretação

Após a definição do objeto, a observação e a descrição, é o momento de fazer o cruzamento dos dados coletados com as demais fases para interpretar a pesquisa. Este momento envolve a teorização dos dados empíricos dentro da perspectiva dos autores levantados no quadro teórico de referência que serão confrontados pelo objeto para, deste modo, confirmar ou refutar as hipóteses, afinal, a “análise descritiva visa à reconstrução da realidade do fenômeno por meio de operações técnico-analíticas que *convertem os dados de fato em dados científicos* (LOPES, 2001, p.152, grifo nosso).

É importante lembrar que a fase de explicação está diretamente vinculada ao tratamento dos dados coletados e o acúmulo dos conhecimentos advindos da análise descritiva.

Entre as páginas 124 a 185, a autora se dedica a interpretar e concluir os raciocínios da tese. Após ter trabalhado com o levantamento dos dados esta fase traz a necessidade de explicá-los e relacioná-los ao objeto, ao problema e ao quadro teórico de referências, como observamos no trecho abaixo:

Notamos, observando o trabalho da operária, que o tipo de tarefa por ela desempenhado exige sobretudo vigilância, contínua atenção aos

sinais que a máquina emite. É a atenção expectante que guia sua conduta. (BOSI, 1970, p. 125)

O trecho destacado explicita o que a fase da observação permitiu levantar e, em seguida, na página 129, a autora evoca Merton e relaciona o nosso sistema de valores culturais, os símbolos de sucesso da propaganda e outras questões aos hábitos de leitura das operárias.

Observa-se um entrelaçamento das diversas fases e níveis ao passo que a autora retoma dados levantados na coleta, autores do quadro teórico de referência em conjunto com o cuidado para responder a problemática e as hipóteses da tese. Nas palavras da autora: “As entrevistas mostram uma viva inclinação por prendas domésticas e as coleções Bom Apetite são encadernadas e enfeitam a sala da família [...] (BOSI, 1970, p.131).

A autora cita Richard Hoggart e – após apresentar algumas respostas das operárias – interpreta o papel das revistas que evocam o interesse pela religião, a despolitização que “tem origem no desejo de agradar o maior número possível de leitores”, a propaganda centrada no conforto e que exerce o culto ao lar, todos estes elementos ressaltam o papel das revistas para as operárias.

Para Lopes (2001, p.152) existem três tipos de métodos interpretativos nas ciências sociais, são eles:

- Método dialético: realiza um processo de abstração e de generalização sempre num campo histórico, buscando as relações estruturais do fenômeno no todo social por meio do princípio da contradição.
- Método funcionalista: busca a totalidade em termos de causação funcional e de relações funcionais e de relações funcionais do fenômeno com o todo, num campo supra-histórico.
- Método compreensivo: busca construir relações de sentido entre o fenômeno e o todo que se localiza num campo a-histórico.

Porém, a autora observa que é fundamental estabelecer a diferença entre levantamento e pesquisa social. O primeiro é um estudo descritivo, com fase na coleta e sistematização de dados empíricos para a utilização imediata, enquanto a pesquisa social parte da fundamentação empírica dos dados para contribuir para o corpo de conhecimento

teórico e metodológico das Ciências Sociais, independentemente de sua utilização imediata, o que – para a autora – é uma condição básica da pesquisa acadêmica em Comunicação (LOPES, 2001, p.153-154).

Na pesquisa de Bosi é possível observar a integração do método funcionalista e alguns traços do método do materialismo dialético. O método funcionalista é encontrado na tese a partir do momento em que a autora investiga as relações das operárias da fábrica com a sociedade por meio dos seus hábitos de leitura e é apoiado por técnicas quantitativas, já o materialismo dialético aparece esboçado a partir da preocupação de Bosi com as estruturas, assim como pela historização de conceitos e perspectivas teóricas sobre cultura (cultura de massa, cultura popular) e comunicação (indústria cultural).

Por fim, Lopes (2001) cita – como última etapa do processo de investigação – a conclusão, em que é feito o balanço dos resultados alcançados: “Corresponde a uma exposição dos objetivos conseguidos e das possíveis contribuições para o avanço do conhecimento sobre o tema que foi objeto da pesquisa” (LOPES, 2001, p.155).

A pesquisadora Eclea Bosi afirma que para elucidar o problema da leitura operária é necessário desenvolver uma série de pesquisas e de estudos teóricos.

125

Neste momento ela retoma e responde ao objeto, aos autores do quadro de referência e às proposições advindas da coleta de dados finalizando o raciocínio com uma proposta de intervenção, que seriam as criações de bibliotecas paroquiais, de bairro, de fábrica, que disponibilizariam materiais para as operárias.

## **6. Considerações Finais**

Desconstruir metodologicamente uma pesquisa científica é, por um lado, um trabalho árduo, que requer reflexividade e vigilância epistemológica constantes, porém também gratificante, na medida em que envolve um esforço intelectual que muito acrescenta em nossa formação enquanto pesquisadores. No caso de uma desconstrução coletiva, um exercício como este demanda certos cuidados a mais, haja vista a necessidade de se integrar diferentes leituras e pontos de vista dentro um todo – se não homogêneo – ao menos coeso e coerente em suas particularidades. Neste sentido, os encontros e discussões

em grupo – feitos presencialmente, via WhatsApp e e-mail – foram fundamentais para a formulação de uma análise que buscou abarcar uma noção ampla e não-tecnista de método, articulada em níveis e fases, tal como apresentada por Lopes (2001) em seu modelo metodológico.

Em termos operacionais, nossa desconstrução se deu a partir das fases metodológicas, sempre postas em relação às suas respectivas operações metodológicas. Desta feita, a partir do desmembramento dos componentes sintagmáticos do modelo metodológico apresentado em curso, buscamos reconstruir os caminhos – ocultos ou não – percorridos pela autora ao longo da construção de sua pesquisa, tal como delinearemos a seguir:

Na primeira fase, a definição do objeto, Bosi delimitou sua investigação propondo-se a realizar um estudo sobre os hábitos de leitura de um grupo de trabalhadoras de São Paulo. Ao passo que justificou a pertinência da escolha de jornais, livros e revistas em detrimento de programas de TV e rádio, não houve uma explicitação sobre as razões que fundamentam a escolha específica por mulheres operárias. Para seu quadro teórico de referência, faz um amplo resgate teórico sobre os estudos dos meios de comunicação de massa sobre o qual se apoia em todo o trabalho – seu embate se dá especificamente com a abordagem funcionalista. A hipótese, por fim, é de que “é de que o teor e os processos de composição da literatura de massa estariam subordinados a necessidades de evasão e de consolação” (BOSI, 1971, p. 68).

A fase da observação foi o momento em que a ruptura epistemológica foi realizada na prática e que a autora conseguiu obter os dados do grupo. Nela, a autora delimitou sua amostra (52 operárias de uma fábrica da Zona Oeste de São Paulo) e sua técnica de coleta (basicamente entrevista), de modo que foi possível complementar os sentidos por meios técnicos. Também ressaltamos que a fase constituiu o processo pelo qual as instâncias empíricas – relevantes para descrição e interpretação – foram obtidas, selecionadas e coligidas.

Na fase da descrição ressaltamos a capacidade de problematização de Bosi, bem como uso e diálogo apropriados com o vasto e híbrido referencial teórico. Destacamos ainda suas bases epistemológicas e a reflexividade no processo de construção da pesquisa, processo esse que se destaca pela análise crítica da própria ciência, com ênfase no

posicionamento e na atuação da pesquisadora ao conduzir sua investigação e a relação que estabeleceu com os sujeitos de sua pesquisa.

Se por um lado consideramos que houve carência de uma maior explicitação descritiva no que concerne ao método, técnica e por, vezes, alguns procedimentos utilizados, por outro lado compreendemos que todo conhecimento científico é socialmente construído, logo, depende de uma visão de mundo que permita ao cientista social analisar, questionar e, quando necessário, se reposicionar nos temas e situações que frequentemente se encontram fora do lugar na vida social. Entre outros contextos de produção, acreditamos que a tese de Bosi encontra-se imbuída fortemente do contexto de ditadura civil militar brasileiro.

A fase da interpretação envolveu a escrita teórica dos dados empíricos coletados e se articulou com a perspectiva teórica adotada no início da pesquisa. O quadro teórico deu suporte para a teorização, fornecendo formas, ou métodos explicativos, que explicaram estes dados. Este foi o momento de teorização da parte empírica, o que permitiu uma articulação entre interpretação e os autores do quadro teórico.

Assim, tendo em vista a existência de uma integração orgânica entre observação, de um lado, e descrição e interpretação, de outro, consideramos que a coerência é presente e está constantemente remetendo ao objeto. Os instrumentos fazem alusão a questões que são debatidas ao longo da pesquisa tanto nas teorias, quanto em panoramas históricos sobre as práticas de consumo dos meios massivos. A pesquisadora desenvolveu uma estratégia de pesquisa que indicou os tipos de dados que procurava, a maneira de obtê-los, o tipo de tratamento dado, e o modo como vinculou-os ao quadro teórico da pesquisa.

De um modo geral, apesar de evidenciadas algumas falhas na pesquisa, principalmente no tocante ao nível técnico e metódico – tais como a ausência de uma problematização sobre as diferenças de classes e lugares de fala no tocante à aplicação das técnicas, a evidência de que o método não foi suficientemente explicitado e de que não houve uma literatura para pensá-lo, ou a falta de uma crítica à falsa neutralidade metodológica – consideramos a pesquisa um exemplar de como se deve fazer uma boa pesquisa acadêmica, haja vista que suas potencialidades são bem maiores que suas limitações.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- BECKER, Howard. “Observação social e estudo de casos sociais”. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. Capítulo 5. São Paulo: Ed. Hucitec, 1997.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massas e cultura popular: leituras de operárias**. 13<sup>a</sup> ed. Editora Vozes: Petrópolis, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Leituras de operárias: estudo de um grupo de trabalhadoras de São Paulo**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1971.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação**. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- \_\_\_\_\_. “Esboço para uma história dos estudos em Comunicação no Brasil e na América Latina: processos de institucionalização do campo”. In: CROVI DRUETTA, Delia; CIMADEVILLA, Gustavo (orgs). **Del mimeógrafo a las redes digitales**. Bogotá: ALAIC, 2018, p.33-47.
- RAGO, Margareth. “Descobrimo historicamente o gênero”. In: **Cadernos Pagu**, v.11. Campinas: Unicamp, 1998, p. 89-98,
- THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1980, p.31-77.